



Luzes, câmera, **PALAVRAS!**

FRANCISCO DE MOURA PINHEIRO
ORGANIZADOR



Edufac

Luzes, câmera,
PALAVRAS!

Luzes, câmera, palavras!

ISBN 978-85-8236-004-0

Copyright © Edufac 2013, Francisco de Moura Pinheiro

Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC

Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

Diretor

Antonio Gilson Gomes Mesquita

Diagramador

Antonio de Queiroz Mesquita

Editora de Publicações

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifacio

Secretária Geral

Ormifran Pessoa Cavalcante

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

L979l Luzes, câmera, palavras! / Organizador: Francisco de Moura Pinheiro. Rio Branco: Edufac, 2013.
214 p.

1. Análise cinematográfica. 2. Cinema - Teoria. 3. Documentário (cinema) - Análise. 4. Filmes cinematográficos - Ficções - Análise. 5. Cinema regional - Amazônia. I. Título. II. Pinheiro, Francisco de Moura.

CDD: 791.435309811

Bibliotecária: Vivyanne Ribeiro das Mercês Neves CRB-11/600

Capa, Editoração e Projeto Gráfico

Antonio de Queiroz Mesquita

Foto Capa

Allen Ferraz

Revisão

Márcio Chocorosqui

Luzes, câmera, **PALAVRAS!**



Francisco de Moura Pinheiro
Organizador



Edufac

2013

Autores

Artigos 1 e 4 FRANCISCO DE MOURA PINHEIRO

Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), doutorando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), membro da Academia Acreana de Letras (Cadeira 28) e jornalista na Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: fdandao@gmail.com.

Artigo 2 HUMBERTO DE FREITAS ESPELETA

Professor Doutor em Letras: Estudos Literários pela Unesp-Car. Atua na área de língua francesa e suas literaturas na Universidade Federal do Acre (Ufac). Tem pesquisas na área de ensino de língua e literatura francesa com recurso à informática e à internet; na área de teoria e crítica literárias e na área de tradução literária e intersemiótica. E-mail: hespeleta@uol.com.br.

Artigo 3 FRANCIELLE MARIA MODESTO MENDES

Doutoranda do Dinter — USP/Universidade Federal do Acre (Ufac) em História Social. Professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Ufac, no curso de Comunicação Social-Jornalismo. E-mail: franciellmodesto@gmail.com.

Artigo 3 FRANCISCO AQUINEI TIMÓTEO QUEIRÓS

Mestrando em Letras: Linguagem e Identidade, da Ufac. Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Ufac, no curso de Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: aquinei@gmail.com.

Artigo 5 CYNTHIA LUDERER

Historiadora, pedagoga e tecnóloga em gastronomia. Mestre e doutoranda pelo programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Bolsista pelo programa sanduíche da Capes — Programa de Antropologia da Universitat Rovira i Virgili, Espanha. Professora da Unimonte. Temas investigados: carnavalescos e *chefs* de cozinha. E-mail: cynthialud@gmail.com

Artigo 6**AUGUSTO DINIZ**

Jornalista, pós-graduado em Jornalismo Científico (*lato sensu*) pela Unitau-SP, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail: augustodiniz@uol.com.br.

Artigo 7**ISABEL REGINA AUGUSTO**

Recém-Doutora FACITEC junto ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) na Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Prof^a. Orientadora do curso Artes Visuais-Licenciatura e da Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça do NEAAD-UAB-UFES. PhD em História e Civilização pelo European University Institute (EUI-Firenze), Mestre em Comunicação pela UnB e especialista em Cinema pela mesma universidade, MbA em Desenvolvimento Rural pelo CORI SpA (Lucca), graduada em Comunicação/Jornalismo pela UFES. Associada INTERCOM e ANPUHES, sócia fundadora SOCINE. E-mail: isabelaugusto2005@yahoo.com.br.

Artigo 8**MILTON CHAMARELLI FILHO**

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Ufac. E-mail: phaneron1@hotmail.com.

Artigo 9**ANA LUCILIA RODRIGUES**

Psicanalista, membro da APPOA e do LATESFIP/USP, autora do livro *Pedro Almodóvar e a feminilidade* (Escuta, 2008) e co-autora do livro *Divã na tela*. Desenvolve seu doutorado sobre cinema no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Organizadora da Jornada Paulista de Cinema e Psicanálise, cuja quarta edição foi realizada em novembro de 2012. E-mail: rodriguesanalucia@gmail.com.

Artigo 10**JOÃO CARLOS DE CARVALHO**

Professor doutor da Universidade Federal do Acre (Ufac), Campus Floresta, na área de Letras. E-mail: jccfogo@bol.com.br.

Prefácio

Há no rastro da Humanidade, que, em sobressaltos errantes, perambula por planaltos telúricos, desde a sua aparição no mundo, uma tentativa hercúlea para desvendar o mais imponderável dos enigmas, e que marca a sua cicatriz na grande teia do universo: a palavra. Palavra que nomeia seres e coisas; palavra que emerge das sombras para transcender corpos, visíveis e não visíveis; palavra que incendeia corações de poetas e fazem arder em horizontes crepusculares deuses, heróis e anjos do asfalto; e palavras que traduzem o Indizível.

Este caminho sinuoso, longo e pautado pelos sulcos da eternidade consubstancia o emblema do Homem: o de Ser. E ser é, inconscientemente, um ato furioso do verbo que, radicalizado em vértices desconhecidos, submerge emoções inomináveis e expele dilúvios de ideias, que, muitas vezes, são filhas titânicas do silêncio. Silêncio apartado de palavras, mas congeminado em imagens. Fenômeno que exaure o fôlego da quimera e dá vida a heróis.

A palavra, portanto, é mítica; e, como tal, expande seus pulmões ao transformar lendas em visões que as divindades, os semideuses, os profetas e os artistas testemunham, de forma colossal, uns acima do firmamento ígneo, outros sob a luz do luar. Assim, ao protagonizarem a ação na qual a verdade que desce dos céus é servida como banquete alado para os homens, essas personagens translúcidas transmutam a realidade ímpia e sacralizam, dionisiacamente, a palavra em imagem. Talismã

ímpar que, fundido em um corpo singular, porta o fogo roubado do Alto, blindado pelo ímpeto da voz, que, um dia, bradou os ecos da liberdade dos homens sob os auspícios imponderáveis do logos.

Palavra e Imagem nasceram juntas porque foram concebidas juntas. Conjugadas na grande película universal, o *Fiat Lux* jamais teria existido se o verbo da Criação não repousasse sobre o colo uterino da palavra. A Letra-imagem estava formada: muda, porque era silêncio para as criaturas viventes; silábica, quando todos foram acolhidos pelo Tempo e, por fim, pensamento quando o imaginário percebera que a imagem fala na ausência reclusa da palavra e a palavra finca sua lâmina cega no silêncio que sangra a dor sem gritos, sem sons.

Filhas legítimas da Luz, palavra e imagem habitam, barthesianamente, a câmara mais do que clara para focarem suas lentes em planos e altiplanos fantásticos, em almas convexas e corpos côncavos, em vapores densos e ares efêmeros e, quiçá, em esperanças mortas e saudades vivas. Labirintos do sem fim, onde olhares iluminados percorrem sendas adormecidas; seres anônimos, embalados por seus sonhos, que carecem, com uma angústia atlântica, descobrir, através da palavra, a imagem que, ainda, não fora vista; capturada pela objetiva arguta, capturada pelo olhar de águia.

O Cinema é uma arte. Se ordinariamente for a sétima, ocupa, portanto, o espaço divinal. Assim, o Cinema reúne todos os seres iluminados e aqueles que serão iluminados, quer sejam pela luz, quer sejam pela palavra. Luz que funda verdades, palavra que consagra lendas. O Cinema é Luz. É centelha,

é chama, é logos; ilumina a palavra com a imagem incandescente que, diante dos olhares mortais e imortais, revela segredos e provoca cóleras. O Cinema é palavra. É verbo, é sentença, é imaginação; transcende os portais do infinito para eternizar nas telas a imitação, ora da Arte pela vida, ora da vida pela Arte. O Cinema é Luzes, Câmera, Palavras!

João Carlos de Souza Ribeiro
Pós Doutor em Poética

Apresentação

Há muito tempo que a ideia de publicar um livro com artigos sobre cinema transitava no meu pensamento. Mas era uma ideia solitária que acabava sempre adiada. Certo dia, expus esse projeto, numa conversa informal, a um estudioso do tema, o professor Hélio Costa Júnior, o Helinho, do Departamento de História da Universidade Federal do Acre (Ufac). De imediato, ele encampou a ideia. Encampou e se propôs a ajudar no empreendimento.

Pronto. Era o que faltava para o projeto começar a sair do campo do imaterial. Acontece que, por aqueles dias, o Helinho andava extremamente atarefado com as atividades do seu doutorado, viajando em seguida para cursar algumas disciplinas em São Paulo. Mas o desafio estava lançado e eu resolvi tocar o barco (ou seria rodar o filme?) sozinho. E então, tratei de redigir umas regrinhas para a produção dos textos.

Regras definidas, o passo seguinte foi contatar pesquisadores que eu julguei interessados no tema. Em princípio, todos os contatados se mostraram bastante animados com o trabalho. No correr dos dias, porém, por impedimentos das mais diversas ordens e procedências, muitos tiveram que desistir. Mas não sem profundos lamentos, externados por meio de atenciosos e-mails enviados para a minha caixa postal.

No final das contas, nove autores das mais diversas origens e de várias cidades do planeta enviaram os seus textos. Nomino-os: Humberto de Freitas Espeleta (Rio Branco-AC),

Isabel Regina Augusto (Vitória-ES), Francielle Maria Modesto Mendes (Rio Branco-AC), Francisco Aquinei Timóteo Queirós (Rio Branco-AC), Augusto Diniz (São Paulo-SP), João Carlos de Carvalho (Cruzeiro do Sul-AC), Milton Chamarelli Filho (Rio Branco-AC), Cynthia Luderer (Barcelona-Espanha) e Ana Lucília Rodrigues (São Paulo-SP). Grupo ao qual se deve acrescentar o meu nome, Francisco de Moura Pinheiro, dado que contribuo para o volume com dois artigos.

E assim, eis que, depois dessa historinha que eu contei nas linhas precedentes, é com uma enorme alegria que apresento *Luzes, câmera, palavras!*, com os seguintes artigos, elencados em ordem alfabética: *A crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso — reescritura cinematográfica; *A lição Neorrealista*: a breve longa história de um movimento de resistência e libertação do cinema hegemônico; *Avatar, Gaia e florestania*: três dimensões; *Bye bye Brasil*: o mosaico narrativo das mudanças sociais brasileiras; *Documentário científico*: reconhecimento internacional de filme brasileiro sobre o transmissor da dengue; *Em todas as manhãs um desconcerto*: o valor do silêncio; *Imagens. Medo e fascínio*; *Luzes e sombras* — projeções do bem e do mal na tela do cinema; *Registros da vanguarda gastronômica*: imagens de uma cozinha criativa; e *Retratos do feminino*.

Se haverá um segundo volume em algum lugar do futuro? Tomara que sim. Mas primeiro temos que ver como é que vai se comportar a bilheteria. Se o filme (digo, o livro) conseguir “arrasar o quarteirão”, é quase certo que se pense numa continuação sim. Em caso contrário... Bem, em caso contrário, viciados que somos tanto em palavras quanto em imagens, é

bem possível que a gente resolva se aventurar outra vez. Afinal, além de tudo, uma produção deste porte, reunindo tanta gente boa, acaba proporcionando, de verdade mesmo, um imenso (e intenso!) prazer.

Francisco de Moura Pinheiro

Sumário

ANÁLISES DE FILMES FICIONAIS

1	<i>Avatar, Gaia e florestania: três dimensões</i>	19
	O império derrotado pela multidão	20
	Deslumbramento, pastiche e emoção	24
	Hipóteses, lendas, ciência e ideologia fervem num mesmo caldeirão	29
	A hipótese de Gaia	29
	Lendas amazônicas	31
	Ecologia — Desenvolvimento Sustentável	33
	Florestania	35
	Considerações finais	38
2	<i>A Crônica da Casa Assassinada, de Lúcio Cardoso</i> reescritura cinematográfica	45
3	<i>Bye Bye Brasil: o mosaico narrativo das mudanças sociais</i> brasileiras	63
4	Luzes e sombras: projeções do bem e do mal na tela do cinema	79
	A primeira tela	80
	Trinta segundos: horror e êxtase	81
	Ilusão sincrética: a separação do bem e do mal	83
	As fadas congelam o instante	84
	<i>Happy End</i> e felicidade não rimam, mas servem de solução	86
	Uma providencial infiltração	93
	Scorsese e as duas faces da moeda	96
	Companheiros de sono no ventre primitivo e o combate pela felicidade	99

ANÁLISES DE FILMES NÃO FICCIONAIS

- 5** **Registros da vanguarda gastronômica: imagens de uma cozinha criativa** 109
- 6** **Documentário científico: reconhecimento internacional de filme brasileiro sobre o transmissor da dengue** 123
- Introdução 124
- Reconhecimento 126
- A epidemia que deu origem ao filme 131
- O documentário e o vídeo-educativo 134
- Desenvolvimento do primeiro documentário sobre o *Aedes aegypti* 137
- Considerações finais 141

TEORIAS DO CINEMA

- 7** **A lição neorrealista: a breve longa história de um movimento de resistência e libertação do cinema hegemônico** 149
- O breve percurso de uma escola de resistência, transgressão e libertação 150
- 8** **Imagens. Medo e fascínio** 173
- 9** **Retratos do feminino** 187
- 10** **Em todas as manhãs um desconcerto: o valor do silêncio** 199

**ANÁLISES
DE FILMES
FICCIONAIS**

1

AVATAR, GAIA E FLORESTANIA: TRÊS DIMENSÕES¹

Francisco de Moura Pinheiro

RESUMO

Mais de uma década depois de começar a ser concebido pelo cineasta James Cameron, finalmente o filme Avatar veio a público, trazendo à luz, a partir do elemento da tridimensionalidade, uma nova forma de fazer cinema. A questão dos recursos técnicos, porém, foi apenas uma parte dos fatores que fizeram do filme um campeão de bilheteria. A mensagem contida no argumento, sobre os perigos da depredação da natureza, numa época de mobilização global pela preservação dos recursos naturais, ajudou a dar à obra de Cameron um irresistível apelo popular. O que este artigo se propõe a fazer é uma reflexão sobre esse lado ecológico do filme, a partir dos conceitos contidos na hipótese de Gaia, em mitos da Amazônia, no desenvolvimento sustentável e na noção de florestania — neologismo criado no Acre nos últimos anos do século XX.

Palavras-chave: Avatar. Cinema. Comunicação.
Florestania. Meio ambiente.



- 1 • Artigo publicado originalmente nos Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

O IMPÉRIO DERROTADO PELA MULTIDÃO

avoritíssimo ao Oscar de melhor filme de 2009, *Avatar*, do cineasta canadense James Cameron, 55 anos, acabou perdendo o título para *Guerra ao terror*, da americana Kathryn Bigelow, coincidentemente (ou não) ex-mulher do vencido. Das 17 categorias da premiação distribuída anualmente pela Academia de Ciências e Artes de Hollywood, apenas (!) três láureas foram concedidas à história do confronto entre os humanos e os habitantes de Pandora — efeitos visuais, direção de arte e fotografia. Muito pouco para um filme que arrastou multidões às salas de exibição ao redor do mundo e que passou cerca de 12 anos para sair da imaginação do seu criador (Cameron) e ganhar as telas, tornando-se a segunda maior bilheteria da história da sétima arte, ficando atrás somente de *Titanic*, dirigido pelo mesmo Cameron, em 1997.

O enredo de *Avatar* até que não tem nada de complicado.

A trama se passa no ano 2154. Uma enorme nave interestelar corta o espaço sideral rumo a Pandora, uma lua de vegetação luxuriante que abriga várias formas de vida, em órbita de um planeta gigante, nas imediações de uma das estrelas do sistema Alfa Centauri. Entre a tripulação, um ex-fuzileiro naval paraplégico chamado Jack Sully (Sam Worthington). Sua missão é substituir seu irmão gêmeo, cientista recém-falecido, num projeto supostamente científico, cujo objetivo seria estudar os nativos de Pandora, denominados Na'vi, criaturas de três metros de altura, pele azul, orelhas pontiagudas e dotadas de

rabo, que não conhecem armas de fogo ou quaisquer tecnologias dessa natureza, não acumulam valores materiais, morando em comunidades e vivendo, fundamentalmente, da coleta de frutos e da caça, em harmonia com o meio ambiente.

Para facilitar o contato com os Na'vi sem a necessidade de máscaras que ajudem a respiração, dado que a atmosfera de Pandora é diferente da terrestre, os humanos contam com avatares (daí o título do filme), que são corpos criados artificialmente, onde são combinados os DNA dos nativos e dos “invasores”. A conexão é realizada numa espécie de transferência do cérebro dos humanos para o corpo artificial, por meio de um complexo aparato tecnológico. O corpo humano permanece como se em estado de hibernação, enquanto a sua consciência passa a viver no corpo do avatar. Mais ou menos como se uma “casca” (ou “carcaça”) fosse trocada por outra. No caso, uma troca perfeita para o paraplégico Jack Sully, uma vez que no novo corpo ele se livra da cadeira de rodas, voltando a sentir a sensação de locomoção com as “próprias” pernas.

O problema todo é que a missão dos humanos não tem nada (ou tem muito pouco) de tão científico assim. Existe, é verdade, uma equipe de cientistas voltada para o estudo dos Na'vi, mas isso é só uma cortina de fumaça para a verdadeira motivação da exploração de Pandora. De verdade mesmo, a motivação dos exploradores é totalmente econômica. É que Pandora possui as únicas reservas conhecidas de uma substância chamada de “unobtainium”, extremamente valiosa para os humanos por suas propriedades de supercondutividade. A exploração dessa substância está a cargo de uma companhia denominada RDA,

que mantém toda a infraestrutura local, inclusive no que diz respeito aos experimentos científicos. Detalhe relevante: a maior jazida de “unobtainium” está localizada justamente no local onde fica a árvore sagrada dos Na’vi.

O ex-fuzileiro parapléxico Jack Sully acaba, inicialmente, fazendo o papel de agente duplo. Trabalha para a equipe de cientistas, sob a liderança da Dra. Grace Augustine (Sigourney Weaver), a botânica responsável pelo Programa Avatar, mas também age como espião para os mercenários, sob o comando do coronel Quaritch (Stephen Lang), chefe de segurança humano em Pandora, personagem que tem enorme desprezo pela vida “selvagem” daquele mundo e ansioso para destruí-la em favor das atividades de mineração. Para convencer Jack Sully a colaborar, o coronel Quaritch usa dois argumentos: o espírito de corpo que deve acompanhar os militares, principalmente os fuzileiros navais, por toda a vida; e a promessa de uma cirurgia que faça Sully recuperar os movimentos das pernas, quando do retorno da missão à Terra.

Mas esse papel de agente duplo vivido por Jack Sully só se mantém enquanto ele não conhece a nativa Neytiri (Zoë Saldana), princesa de um dos clãs dos Na’vi. Ao ser perseguido por um animal selvagem e se perder de um grupo de exploração comandado pela Dra. Grace Augustine, Sully é salvo da morte por Neytiri. Depois disso, ela o leva para o meio da comunidade Na’vi, onde ele passa a noite e começa a presenciar o modo de vida dos locais. Sully manifesta a intenção de aprender mais sobre a cultura dos Na’vi, desejo esse que lhe é concedido por Eytukan (Wes Studi), rei do clã Omatiyaya e pai de Neytiri. Daí

para a paixão entre Sully e Neytiri é apenas um passo. E então, o cérebro do ex-fuzileiro naval no corpo do seu avatar Na'vi passa a liderar a resistência nativa contra os ataques genocidas dos humanos.

Mesmo os Na'vi usando táticas de guerrilha e lutando num território totalmente conhecido (estratégias que já deram certo em diversas situações da história da humanidade, onde impérios acabaram derrotados pelos povos invadidos), a disparidade tecnológica das armas entre nativos e invasores é tamanha que aqueles parecem fadados à morte. É nesse ponto que Jack Sully se revela uma espécie de “Messias”, o que anteriormente havia sido previsto por uma sacerdotisa Na'vi, convocando as forças da natureza, representadas por uma entidade superior, que parece estar ligada a todas as formas de vida daquele mundo. Com o auxílio de bandos de animais selvagens, e com Jack Sully cavalgando um ser alado até então indomado (fato que consolidou a liderança do humano/avatar), os Na'vi conseguem expulsar os humanos de Pandora.

No que se refere aos personagens principais, além dos já citados Jack Sully, Dra. Grace Augustine, Coronel Quaritch, Neytiri e Eytukan, acrescenta-se Mo'at (CCH Pounder), como rainha do clã Omaticaya, que demonstra grande desconforto com a visita de humanos ao seu mundo; Trudy Chacon (Michelle Rodriguez), ex-fuzileira naval, trabalhando como piloto para transportar os membros do Programa Avatar aos diversos pontos de Pandora; Tsu'tey (Laz Alonso), o melhor guerreiro do clã Omaticaya, escolhido para casar com Neytiri e tornar-se chefe quando morresse Eytukan; Norm Spellman

(Joel David Moore), antropólogo recém-chegado a Pandora, ávido para iniciar as pesquisas de campo no local; e Parker Selfridge (Giovanni Ribisi), administrador geral das atividades da Companhia RDA em Pandora.

DESLUMBRAMENTO, PASTICHE E EMOÇÃO

Do ponto de vista técnico, as opiniões foram praticamente unânimes quanto à competência dos realizadores de *Avatar*. É o que se lê, por exemplo, em Marcelo Gleiser, professor de física teórica no Dartmouth College (EUA), em artigo publicado no Caderno Mais, da *Folha de São Paulo*, de 10 de janeiro de 2010, página 9, cujo título é o próprio nome do filme: “[...] Sem dúvida, ação e efeitos especiais não faltaram. As técnicas de computação gráfica são revolucionárias e iniciam uma nova fase na história da cinematografia [...]”. E é o que se lê, também, em artigo de Marcelo Leite, intitulado “Gaia para presidente”, na mesma *Folha de São Paulo*, publicado em 7 de março de 2010, página 9, igualmente no Caderno Mais: “[...] Os olhos se enchem com as imagens possantes e o emprego virtuoso, nada exibicionista, dos recursos tridimensionais [...]”.

Já no tocante ao argumento condutor de *Avatar*, os dois articulistas divergem total e absolutamente. Marcelo Gleiser afirma no mesmo artigo que o filme é um dos mais belos que ele já teve oportunidade de ver: “[...] As árvores majestosas e seus ‘espíritos’, uma representação da hipótese Gaia — segundo a qual a Terra como um todo é um ser vivo — são pura poesia visual [...]”. E vai além, Marcelo Gleiser, comparando o cenário de

Avatar a um paraíso tropical semelhante à Amazônia. Enquanto isso, na análise de Marcelo Leite, igualmente no mesmo artigo em que elogia a realização técnica, o filme não passa de “[...] um pastiche de todos os clichês e gêneros cinematográficos de sucesso, mas resultaria inofensivo se não fosse a xaropada ambientalista [...]. O mito do bom selvagem rebrilha sobre uma pátina azul [...]”.

O que se passa em Pandora, um planeta distante (aparentemente uma lua de um planeta gasoso), segue discorrendo Marcelo Gleiser, no mesmo artigo, é uma metáfora do que acontece aqui na Terra. E explica que, apesar de alguns acharem que é uma metáfora muito óbvia, quase revivendo os antigos filmes de faroeste, há uma diferença fundamental, que é a troca do lugar entre mocinhos (agora os nativos são os bonzinhos) e os vilões (agora a civilização americana é que encarna a turma do mal). Mas Marcelo Gleiser justifica a obviedade do argumento, afirmando que nem sempre uma história contada de maneira mais sofisticada e/ou cerebral traz um melhor resultado. “[...] Às vezes é necessário simplificar a mensagem para que seu conteúdo atinja o objetivo desejado. Kevin Costner fez o mesmo em ‘Dança com Lobos’ [...]”, diz o articulista.

No contraponto da opinião de Gleiser, Marcelo Leite chama o filme de uma cópia constrangedora do motivo central da franquia *Matrix*. Literalmente, nas palavras de Marcelo Leite, no mesmo artigo “Gaia para presidente”, “[...] o *upload* da mente do herói no corpo de um avatar (virtual ou de carne e osso, tanto faz)”. E segue Marcelo Leite, listando os supostos defeitos e as supostas imitações de outros filmes perpetradas

por *Avatar*: previsível final feliz de historinha de amor impossível; eterna luta do bem contra o mal; a ignomínia do capital; a irracionalidade da violência militar; as máquinas de “Guerra nas Estrelas”; os dinossauros (alados, no caso de *Avatar*) à moda de *Parque Jurássico*; caçadores que se debruçam compadecidos sobre as vítimas que acabam de imolar etc.

Para além dos artigos publicados na *Folha de São Paulo*, por Marcelo Gleiser e Marcelo Leite, entretanto, e para efeito da continuação do presente texto, é preciso conhecer a opinião da senadora Marina Silva (PV-AC), publicada em 02 de março de 2010, no endereço eletrônico www.minhamarina.org.br/blog, sob o título “Avatar e a síndrome do invasor”, onde ela, em outras palavras, fala da sua identificação com os Na’vi, e em uma espécie de conexão entre o mundo de Pandora e a história do Acre. “A arrasadora chegada do ‘progresso’ ao Acre seguiu, de certa forma, a mesma narrativa do filme [...]”, diz Marina Silva. “Principalmente”, explica a senadora em outro ponto do mesmo texto, “quando, a partir da década de 70 do século passado, transformaram extensas áreas da Amazônia em fazendas, expulsando pessoas e queimando casas [...]”.

De acordo com a senadora acreana Marina Silva, teve um momento do filme que ela (Marina), quando Neytiri, a guerreira Na’vi bebia água numa folha, surpreendeu-se, levando a mão à frente do próprio corpo para tentar tocar a gota que escorria da planta, tão fortes foram, naquele momento, as lembranças da sua infância nos seringais acreanos.



.....

A guerreira Na'vi bebendo água na folha como a gente bebia. No período seco, quando os igarapés quase desapareciam, o cipó de ambé nos fornecia água. Esse cipó é uma espécie de touceira que cai lá do alto das árvores, de quase 35 metros, e vai endurecendo conforme o tempo passa. Mas os talos mais novos, ainda macios, podem ser cortados com facilidade. Então, a gente botava uma lata embaixo, aparando as gotas, e quando voltava da coleta do látex, a lata estava cheia. Era uma água pura, cristalina, que meu pai chamava de água de cipó. E aprendíamos também que se nos perdêssemos na mata, era importante procurar cipó de ambé, para garantir a sobrevivência. (SILVA, www.minhamarina.org.br/blog, 02 de março de 2010)

.....

E, em outra parte do texto postado no blog de Marina Silva, surgem mais pontos de identificação entre a prática dos Na'vi e a rotina dos seringueiros acreanos: o ensinar dos segredos da mata para os “civilizados”. É que Neytiri, na sua missão de fazer Jack Sully aprender a cultura Na'vi, baseada na comunhão de todas as coisas, tão estranha para aquele viajante do espaço, fala da conexão entre todos os seres vivos, da mesma forma que, nas memórias da senadora, o seu pai ensinava a todas as filhas os nomes das plantas. O prêmio oferecido pelo pai, nas palavras de Marina Silva, era a dispensa de algumas tarefas corriqueiras das jovens seringueiras.



.....

Me tocou muito ver a guerreira Na'vi ensinando os segredos da mata. Veio à mente minhas andanças pela floresta com meu pai e minhas irmãs. Ele fazia um jogo pra ver quem sabia mais nomes de árvores. Quem ganhasse era dispensada, ao chegar em casa, de cortar cavaco para fazer o fogo e defumar a borracha que estávamos levando. A disputa era grande e nisso ganhávamos cada vez mais intimidade com a floresta, suas riquezas e seus riscos. A gente aprendia a reconhecer bichos, árvores, cipós, cheiros. Catávamos a flor do maracujá bravo pra beber o néctar, abrindo com cuidado o miolinho da flor. (SILVA, op. cit.)

.....

Voltando a Marcelo Leite, convém ressaltar que parece ter sido todo esse fervor ambiental e identificação de Marina Silva com a história contada por James Cameron, em *Avatar*, com a sua própria história de vida, que motivou o articulista da *Folha de São Paulo* à desconstrução da mensagem do filme. “A ex-ministra do Meio Ambiente traça uma série de paralelos biográficos e amazônicos com a saga dos Na’vi. Rola até uma identificação com a figura esguia dos gigantes azuis”, diz Marcelo Leite (*Folha de São Paulo*, op. cit.). E vai além o articulista, aprofundando, num outro trecho, que Marina Silva foi fisgada pela pedagogia mística de Cameron. Como toque final, Leite critica esse componente místico e enaltecido dos povos iluminados da floresta como fundamentais para adotar uma perspectiva ética nas relações entre homem e natureza. “Pode-se chegar a isso pela pura força da razão, sem a fantasia deslumbrante de eger

Gaia” (*Folha de São Paulo, op. cit.*). Uma evidente alusão negativa à candidatura de Marina Silva à Presidência da República nas eleições de 2010.

HIPÓTESES, LENDAS, CIÊNCIA E IDEOLOGIA FERVEM NUM MESMO CALDEIRÃO

Independentemente das opiniões favoráveis ou desfavoráveis acerca da competência técnica ou do argumento de *Avatar*, parecem evidentes quatro referências usadas para a realização desse mais recente sucesso cinematográfico de James Cameron: a Hipótese de Gaia, proposta no século XX pelo cientista James Lovelock; lendas amazônicas; questões referentes à preservação ambiental planetária; e convergências relativas à florestania, o neologismo criado pelo povo acreano para designar tanto um estado de espírito amazônida quanto um modelo de desenvolvimento sustentável.

A HIPÓTESE DE GAIA

Proposta pelo cientista norte-americano James Ephraim Lovelock, considerado um dos mentores do movimento ambientalista, a partir dos anos de 1970, a Hipótese (ou Teoria) de Gaia defende a idéia de que a Terra seja um corpo vivo e homogêneo. O planeta, no dizer de Lovelock, seria um superorganismo no qual todas as reações químicas, físicas e biológicas estariam interligadas e não poderiam ser analisadas isoladamente. Por essa proposta, então, no dizer do cientista, a Terra não teria sido feita como é para ser habitada. Ela teria se tornado o que

é através do seu processo de habitação. Ou seja, a vida seria o meio, não a finalidade do desenvolvimento da Terra.

De acordo com James Lovelock, a Teoria de Gaia deve ser considerada como uma alternativa absolutamente plausível à sabedoria tradicional, que vê a Terra como um planeta inanimado, só por acaso habitado pela vida. “Considere-a como um verdadeiro sistema, abrangendo toda a vida e todo o seu ambiente, estritamente acoplados de modo a formar uma entidade auto-reguladora”, diz Lovelock, citado no artigo Teoria de Gaia, in: www.healing-tao.com.br/artigos/teoriadegaia.htm. Em outras palavras, explica Lynn Margulis, no mesmo artigo, “a hipótese de Gaia afirma que a superfície da Terra, que sempre temos considerado o meio ambiente da vida, é na verdade parte da vida”.



.....

Quando os cientistas nos dizem que a vida se adapta a um meio ambiente essencialmente passivo de química, física e rochas, eles perpetuam uma visão mecanicista seriamente distorcida, própria de uma visão de mundo falha. A vida, efetivamente, fabrica, modela e muda o meio ambiente ao qual se adapta. Em seguida este “meio ambiente” realimenta a vida que está mudando e atuando e crescendo sobre ele. Há interações cíclicas, portanto, não lineares e não estritamente deterministas. (MARGULIS, op. cit.)

.....

Essa ideia da interação total entre todos os seres vivos, inclusive a Terra, proposta na Hipótese de Gaia, é explorada

por James Cameron em *Avatar*, quando é mostrada na tela a conexão dos Na'vi com as suas montarias, quando os Na'vi se debruçam em oração sobre o animal imolado e quando os Na'vi praticam os seus rituais religiosos defronte à árvore mãe, símbolo maior da natureza em volta, a um só tempo útero grávido, habitat esplendoroso e parte física da própria carne deles. Um só corpo.

LENDAS AMAZÔNICAS

O recurso dos mitos e da exuberância amazônicos, signos de uma fantasia sediada na natureza, intencionalmente ou não, também foi largamente explorado por James Cameron na tessitura da história de *Avatar*. Num primeiro momento, no que se refere às guerreiras Na'vi, exímias amazonas, portadoras de armas rudimentares, porém de comprovada letalidade. Num outro momento, no tocante à prodigalidade da natureza, tanto em um quanto em outro caso (a região sul-americana e o cenário cinematográfico) plena de mistérios e indicadora de uma biodiversidade inimaginável (ou imaginada a partir de conjecturas pouco verossímeis).

Até hoje, mesmo numa época de desvendamentos e de velocidade da informação, é possível que sejam encontrados relatos sobre a Amazônia que expressam a ilusão de outro mundo, fruto de discursos forjados a partir do século XVI, quando os primeiros exploradores, dentro do seu limitado conhecimento geográfico, quedavam-se perplexos ante a nova região, acreditando não ser possível que naquele local não habitassem seres a um só tempo monstruosos e maravilhosos. As adversidades

faziam parte do cotidiano daqueles homens, que atravessavam o mar sob o impulso de ventos nem sempre constantes, em busca de cidades cobertas de ouro e de uma fonte da juventude eterna. Além do mais, a tradição religiosa da época afirmava que naquelas coordenadas geográficas onde se localizava o suposto Eldorado, nascia um grande rio, cujas águas guardavam enormes riquezas, bem como uma fonte que tinha o poder de suprimir todos os males sociais. Às muitas perguntas surgidas na mente daqueles exploradores após desembarcarem na nova terra, na falta de respostas comprovadas, então, erigem-se fantasias que ganham ares de verdades absolutas.

No tocante às amazonas, elas eram, no relato mais sensacional propagado pelo aventureiro espanhol Francisco de Orellana (1490-1550), caracterizadas como mulheres bárbaras que arrancavam um dos seios, para melhor manejar o arco, companheiro inseparável na sua faina diária. Elas habitavam uma cidade de pedra, em cujo interior existiam imensos templos dedicados ao sol, adornados por ídolos de ouro. As tais mulheres seriam muito altas, brancas, andavam nuas e possuíam longos cabelos.

James Cameron, que depois do sucesso mundial de *Avatar* esteve em Manaus-AM, participando de um “Fórum Internacional de Sustentabilidade” (última semana de março de 2010), naturalmente, não se apropriou integralmente do relato de Orellana. As guerreiras Na’vi, apesar de altas como as amazonas, cobriam sua nudez com minúsculas tangas (sob pena de, não sendo assim, o filme ser submetido a algum tipo de classificação etária) e não extirpavam os seios (provavelmente para

não ferir a estética). Diferentemente, também, das amazonas originais, sua pele era azul, mas aí já entra um componente favorável a Cameron, tanto para efeito de melhor fotografia do que para se constituir numa espécie de reflexo do céu. Mas a idéia principal se estabelece: guerreiras ferozes, altas, arcos, flechas, cavalgando algum tipo de montaria, adoradoras de uma divindade (as amazonas, do sol; as mulheres Na'vi, da natureza). E quanto aos relatos míticos, boa parte deles também se repete na tela de alguma maneira: “unobtanium” (ao invés de ouro); fauna e flora exuberante; a eterna juventude (não relacionada com uma fonte de água, mas a uma transferência de consciência); inexistência de estratificação social etc.

ECOLOGIA — DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O comportamento nos Na'vi em *Avatar* espelha exatamente os conceitos da ciência ecológica, quando esta se propõe a estudar todas as interações entre os seres vivos (visceralmente interligados e, por conseguinte, interdependentes, como na proposição da Hipótese de Gaia). Para a ecologia, é preciso compreender como os sistemas vivos funcionam em sua totalidade, como se dá o equilíbrio que permite a vida em todas as suas dimensões, ao contrário do que propõem outros ramos da ciência, que direcionam os seus esforços na análise desses sistemas, através da sua decomposição.

A partir, então, da noção ecologia, é que se chega aos conceitos de desenvolvimento sustentável, mediante a compreensão de que é preciso existir equilíbrio entre todos os seres vivos, principalmente no que diz respeito à ação antrópica, sob pena

de sobrevir um esgotamento futuro dos recursos naturais, com conseqüências inimagináveis para a espécie humana. E nem se pode dizer que esse é um raciocínio recente. Embora somente a partir da segunda metade do século XX a idéia de desenvolvimento sustentável tenha encontrado maior repercussão, é certo que já no século XVIII o economista inglês Thomas Malthus alertava para o descompasso do rápido crescimento demográfico, em relação ao crescimento lento dos meios de subsistência.

Mas foi, de fato, nos início dos anos de 1970 que o planeta parece ter despertado para as questões do desenvolvimento sustentável, a partir de uma reunião do chamado Clube de Roma (Organização Não Governamental que reúne cientistas, empresários, economistas, funcionários de organismos internacionais e de governos, dirigentes e ex-dirigentes de todos os continentes etc.). Na sequência, as preocupações com a questão do meio ambiente foram crescendo e inúmeras reuniões, seminários e fóruns se sucederam desde então. Entre os mais emblemáticos, pode-se citar: a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, no ano de 1972, em Estocolmo; a Conferência Rio 1992, que reuniu o maior número de dirigentes políticos da história, oportunidade em que foi lançado um documento intitulado *Agenda 21* (o primeiro compromisso internacional voltado a metas de longo prazo, de acordo com princípios de sustentabilidade ambiental); o Protocolo de Kyoto, em 1997, documento contendo normas comportamentais as quais os Estados Unidos não quiseram aderir; a Conferência de Johannesburgo, em 2002; e a Conferência de Copenhague, em 2009.

No momento, quarenta anos depois dos primeiros movimentos e discussões em torno da questão do desenvolvimento sustentável, a partir da noção de ecologia e da interligação planetária visceral de todos os seres vivos (inclusive, ou principalmente, a própria Terra), parece ser consenso que, na prática, esse é um tema que ainda tem um longo percurso pela frente. É verdade que existe a certeza de que o direito ao desenvolvimento deve ser igualmente o compromisso de que ele seja sustentável, mas, daí até as práticas corretas para tal fim, parece ainda haver uma distância considerável. Além das certezas evidenciadas nas diversas reuniões, congressos e conferências, é preciso que tudo isso se transforme numa prática corrente, mais ou menos como fazem os “índios heróis” de James Cameron, em *Avatar*.

FLORESTANIA

A florestania é um conceito criado e desenvolvido pelo Partido dos Trabalhadores, no final dos anos de 1980, quando em campanha pelo Governo do Estado do Acre, a partir da mobilização em torno da questão do desenvolvimento sustentável. Trata-se de um neologismo que junta em um mesmo vocábulo as palavras “floresta” e “cidadania”. Uma forma inteligente de massificar a idéia de um Governo voltado para a exploração sustentável dos recursos florestais, bem como de prometer bem-estar às pessoas que nasceram, cresceram e vivem até hoje no meio da floresta, usando os benefícios desta para sobreviver, num pacto mútuo de não agressão.

Sobre os principais elementos do projeto florestania, ninguém melhor para explicá-los do que o jornalista Antônio Alves Leitão Neto, um dos principais artífices da campanha vitoriosa do PT ao poder no Acre, que exerceu o cargo de Secretário de Cultura no primeiro mandato do governador Jorge Viana (1999-2002). “Em primeiro lugar”, diz Alves, “o reconhecimento da primazia indígena. Existem povos que estão e que conhecem a nossa região e cuja ciência deve ser respeitada. Este é o ponto um” (SANTANA JÚNIOR, 2004, p. 287). Antes, porém, desse ponto um, Alves afiança que existiria um “ponto zero”, cuja superação se fazia necessária. É o de que o antropocentrismo deveria ser superado. “O homem é parte da natureza, ele não é dono da natureza, ele não é toda a natureza, ele é uma parte dela. Ele tem direito, assim como o rio, o sol, a lua, a estrela, a paca, o tatu, a cotia, o mogno, a cerejeira [...]”, diz Alves (SANTANA JÚNIOR, p. 287). E existiria, ainda, um “ponto dois” no projeto, que seria o reconhecimento dos direitos das populações que desde sempre habitaram e os que passaram a habitar a região. No caso, índios e seringueiros, respectivamente.

No tocante às diferenças entre “cidadania” e “florestania”, ao contrário do que o senso comum aponta quando se refere ao conceito como uma transposição de um conjunto de valores citadinos para a floresta, Antônio Alves explica que a primeira diz respeito a uma idéia de direitos e deveres, de conquista da civilização humana, de uma fase de desenvolvimento da individualidade do ocidente. “É semelhante à Declaração dos Direitos Humanos”, diz (PINHEIRO, 2009). Já a idéia de florestania, de acordo com a explanação de Alves, diz respeito a

um conjunto de relações estabelecido dentro da floresta, que gera valores, hábitos, estéticas, éticas, mas, principalmente, um conjunto de relações que incluem animais, plantas, água, sol, chuva e a maneira como essas relações se estabelecem, numa tentativa de captar uma disfunção do antropocentrismo, ou até determinadas relações que se estabelecem antes mesmo de se constituir um antropocentrismo centralizado. “Então, a ideia de florestania é exatamente essa dissolução desse mal-estar da civilização que se esconde na palavra cidadania”, diz Antônio Alves (PINHEIRO, 2009).

Em muitos aspectos o argumento de *Avatar* coincide com as idéias expressas na florestania, conforme se pode depreender dos conceitos explicitados por Antônio Alves. No filme, por exemplo, uma cena que se repete, como uma espécie de mensagem subliminar, é o de um dos personagens abrindo os olhos. Mais ou menos como no discurso político acreano, em cuja essência está o despertar do elemento humano para a necessidade de preservar o meio ambiente, a partir da incorporação da sabedoria popular e dos preceitos existentes na natureza. Num e noutro caso (filme e discurso político), o reforço da necessidade da interação/comunhão entre as partes (homem/natureza), sem sobreposições de nenhum sobre o outro, sem traços de verticalidade ou de algum tipo de fluir de valores entre maior ou menor, mas, isso sim, numa espécie de eixo horizontal, onde se ressalta a interdependência entre os atores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avatar, como se pode ver ao longo deste artigo, é um filme plural, em torno do qual ainda acontecerão inúmeras discussões (inclusive porque o diretor James Cameron promete duas continuações). Às opiniões divergentes de Marcelo Gleiser e Marcelo Leite (colunistas da *Folha de São Paulo*) sobre o argumento, e da senadora Marina Silva, que afirma identificar personagens da ficção com figuras da vida real, saídas da sua própria biografia, deve-se acrescentar as inequívocas convergências entre o referido filme e a Hipótese de Gaia, proposta por James Lovelock (a Terra como um ser vivo e uno em suas múltiplas partes); as lendas amazônicas (as ferozes e gigantes guerreiras mutiladas descritas pelo explorador Francisco de Orellana, quando da sua busca pelo Eldorado); as questões referentes à ecologia e ao desenvolvimento sustentável (o equilíbrio entre os seres vivos); e os conceitos fundadores da florestania (o homem como parte integrante da natureza e não como senhor absoluto dela).

Mas, para além dessas divergências e convergências citadas, ainda são múltiplas as possibilidades de reflexão que podem ser levadas a efeito a partir desse mais recente sucesso de James Cameron. Três delas se configuram mais fortes no momento em que este artigo se encaminha para o seu desfecho: a comparação entre os conflitos de terra, nas décadas de 1970 e 1980, entre fazendeiros e seringueiros, no Acre (lembrados pela senadora Marina Silva, no texto “Avatar e a síndrome do invasor”, citado no item 2 deste artigo); a questão do conceito religioso de “avatar”; e o tema da transferência de consciência.

Assim como os executivos americanos da companhia RDA invadiram Pandora, o habitat dos Na'vi, apoiados por um exército de mercenários, unicamente interessados na exploração econômica do mineral “unobtanium”, sem absolutamente se importar com os danos que causariam ao meio ambiente, processo semelhante aconteceu entre os anos de 1970 e 1980 na região acreana, com a chegada de fazendeiros do centro-sul do país, apoiados pelas armas de capangas e jagunços, cuja finalidade era a criação extensiva de gado bovino, sem nenhuma preocupação com os danos que causariam à terra. Assim, tanto na ficção cinematográfica quanto na vida real, se estabeleceram os conflitos sangrentos entre “invasores” e “invadidos”, prevalecendo, em um e outro caso (ficção e realidade), os interesses nativos, em nome da vida e da preservação do planeta. Com uma diferença: na tela, pelo menos até antes de serem produzidas as sequências prometidas por Cameron, com a radical vitória dos locais, sem nenhuma concessão aos invasores; na vida real, entretanto, com alguma conciliação dos interesses, mediante a adoção de práticas de desenvolvimento sustentável, que possibilitam uma exploração racional, sem a nociva e devastadora prática anterior.

Quanto à noção de “avatar” mostrada no filme, de se criar um corpo em laboratório para abrigar uma consciência “externa”, nada tem a ver com a noção estabelecida pela religião hindu, para a qual a palavra designa uma manifestação corporal de um ser imortal, por vezes até do Ser Supremo. O vocábulo, religiosamente falando, deriva do sânscrito *Avatāra*, que significa

“descida”, normalmente denotando encarnações de entidades divinas.

A transferência de consciências, porém, não seria, exatamente, algo estranho nem para a ficção, nem para os anseios científicos. Vários filmes tratam dessa questão (*Matrix*, citado por Marcelo Leite como “inspirador” de *Avatar*, talvez seja o mais emblemático dos últimos tempos). E no tocante à relação com a ciência, “avatar” é uma palavra que se tornou recorrente, tanto nos meios de comunicação de massa quanto no linguajar da informática, dadas as figuras que são criadas a partir do usuário, processo que permite a “personalização” desse usuário no interior das máquinas e das telas de computador. Diz-se “avatar”, porque tal criação emerge como uma espécie de transcendência da imagem da pessoa, que ganha um “corpo virtual”.

Nesse sentido de “avatares” e de “consciências transferidas”, ressalte-se que também não é necessariamente nova a idéia, no campo da inteligência e da vida artificiais, de uma civilização pós-natural, pós-biológica e pós-humana. Esse é um pensamento que surgiu em meados do século XX, com a invenção de máquinas capazes de “imitar o cérebro humano”, e continuou com o mapeamento da estrutura do DNA. É dessa época a convicção de que o homem biológico, como nós o conhecemos e nos reconhecemos nele, é um impasse do ponto de vista da evolução. “O homem mecânico, que na aparência está em ruptura com a revolução orgânica, na realidade se situa melhor na verdadeira tradição de uma sequência da evolução”, no dizer do biólogo britânico J. D. Bernal (GORZ, 2003, p. 89). E complementando o raciocínio, as palavras de Hans Moravec,

para quem, ao final, “a consciência em si mesma poderá se estender numa humanidade completamente eterizada, perdendo seu organismo consistente, tornando-se massas de átomos que se comunicam no espaço por irradiação, e finalmente se resolvendo em luz” (GORZ, 2003, p. 89).

Feixes coloridos na tela do cinema, ondas eletromagnéticas dançando sob o som das estrelas... No futuro, num átimo de segundo, a vida poderá fluir por entre pontos de luz... Além, muito além de um simples “avatar” e, naturalmente, totalmente distanciado no tempo do medo das ameaças industriais, tecnológicas, sanitárias, naturais e ecológicas expresas na obra de James Cameron.



Edufac



Quem nunca analisou um filme? E o que é ver um filme? É fixar os olhos numa tela por alguns minutos? É torcer pela derrota do vilão e pela vitória do herói?

Aparentemente simples, essas indagações concentram algumas das importantes questões discutidas pelos autores desta obra, dividida em análises de filmes ficcionais, análises de filmes não ficcionais e teorias do cinema.

Numa linguagem dinâmica, os autores propõem um exercício de “desconstrução” dos elementos do texto fílmico para compreender como estes se associam para a formação de um novo sentido. Essa reconstrução se dá em três movimentos: perceber o que o “autor” do filme quer dizer; o sentido do texto e sua coerência interna; e o sentido do leitor, do analista.

Como o próprio nome sugere, *Luzes, câmera, palavras!* é uma obra que convida a uma reeducação do olhar sobre a cultura de cinema.

Iracilda Bonifácio
Editora de Publicações - Edufac